AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM NELSON RODRIGUES: CONFLITOS ENTRE A CASA E A RUA

PORTRAYAL OF THE FEMININE IN NELSON RODRIGUES: CLASHES BETWEEN THE HOUSE AND THE STREET

Leandro Antônio dos Santos[1]
Valdeci Rezende Borges[2]

Resumo:
Neste texto, a intenção é adentrar a década de 1950, onde a mulher, cada vez mais, intensificava o processo de emancipação de sua antiga condição histórica herdada. Sua participação nos espaços públicos da cidade estimulou a redefinição dos papéis sociais estabelecidos e contribuíram para a superação do ideal de dominação masculina que imperava sobre ela. O objetivo consiste em compreender as representações elaboradoras por Nelson Rodrigues, expostas no jornal a *Última Hora*, em sua coluna diária "A vida como ela é..." percebendo nos contos que aí figuravam a presença do imaginário popular em torno das mulheres e as imagens por ele elaboradas do agitado cenário urbano em transformação da sociedade carioca de meados do século XX.
Palavras-chave: privado, público, gênero.

[1] Graduando em História (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal de Goiás (UFG/CAC). Foi bolsista PIBIC/CNPq, no período de 2010/2011,com a pesquisa: "*Alencar e o romance americano: línguas, linguagem literária, história, cultura e natureza*", e durante o período de 2011/2012, com a pesquisa: "*O imaginário social da família carioca suburbana de classe média da década de 1950 na obra "A vida como ela é...o homem fiel e outros contos", de Nelson Rodrigues*", sob a orientação do Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges. Email: leandrosantoshis@gmail.com.

[2] Doutor em História pela PUC/SP, professor do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG/CAC e do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagens,do Departamento de Letras da UFG/CAC. Bolsista produtividade. Trabalho realizado com apoio CNPq. valdecirezborges@yahoo.com.br.

Abstract:
This paper consists in entering the 1950 decade, when women were increasingly intensifying the emancipation process from their inherited former historical condition. Their participation in the public spaces of the city stimulated the already established social roles redefinition, and contributed to overcome the ideal of masculine domination that reigned over them. The goal is to understand Rodrigues' representations exposed in his daily column "A vida como ela é…" in *Última Hora* newspaper, noticing in each of those short stories the presence of the popular imaginary around women, the images of the fussy urban scenario in transformation from the society in Rio de Janeiro around the 20th century created by Nelson Rodrigues.
Key-words: private, public, genre.

Nelson Rodrigues (1912-1980), dramaturgo consagrado, um dos poucos escritores de nossa língua portuguesa que retratou de forma verossímil o ambiente dos espaços públicos e dos agentes sociais neles envolvidos da cidade do Rio de Janeiro no decorrer de meados do século XX.

Aqui nos ocupamos da década de 1950, período rico de inspiração para a composição das mais variadas obras do autor e de percepção da sociedade a sua volta. Sua popularidade e suas histórias estiveram intimamente associadas aos jornais impressos e à consequente circulação e recepção dos mesmos na presença da coletividade urbana carioca.

Grande parte de sua literatura esta associada ao folhetim diário no qual atuou boa parte de sua vida. Aqui destacamos os anos de 1951 e 1961, no jornal a *Última Hora*, de Samuel Wainer. A princípio sua coluna destinava a compor a seção do noticiário policial, no qual já havia trabalhado durante oito anos de sua vida, lançada em outubro de 1951, com o título "*Atirem a primeira pedra*", sendo logo, em 16 de novembro de 1951, alterada para "*A vida como ela é...".* Para Wainer a coluna diária passaria a compor os fatos inerentes ao resgate da realidade. Nelson aceitou de bom gosto o convite, logo sugerindo e alterando o nome de sua coluna, então, "muito mais sugestivo, ele achava, e dava um toque de fatalidade, de ninguém-foge-ao-seu-destino. Samuel Wainer concordou e Nelson foi escrever a primeira coluna" (CASTRO, 1992, p.236). A influência do jornalismo norte-americano estava

sendo bastante sentida na época, elementos como objetividade e neutralidade começavam a ser idealizados para a renovação da imprensa brasileira e carioca.

Suas atraentes histórias permearam o universo dos habitantes da cidade, estimulando o hábito da leitura, foi com essa coluna que Nelson Rodrigues tornou-se uma personalidade de caráter popular, além de elevar a sua fama de "tarado" em meio à opinião pública.

> "A vida como ela é..." com um fascinante elenco de jovens desempregados, comerciários e "barnabés", tendo como cenários a Zona Norte, onde eles viviam; o Centro, onde trabalhavam; e, esporadicamente, a Zona Sul, aonde só iam para prevaricar (CASTRO, 1992, p.237).

Utilizando dos contos da obra como suporte documental na análise dos comportamentos desviantes e de valores morais inerentes e esperados pelas mulheres, se nota cada vez mais a ameaça e a dissolução do poder de dominação masculina, frentes às oportunidades que a industrialização da sociedade suscitava, e das novas formas de sociabilidades encontradas.

O texto literário tratado de acordo com sua historicidade e especificidade se torna uma fonte rica para a decodificação de variados discursos que por vezes outros documentos oficiais não sejam capazes de conter. A interlocução forjada entre literatura e história permite "compreender a obra literária como resultado da sublimação de dados sociais que, de um lado, fazem dela expressão de uma sociedade e de um momento histórico" (CANDIDO, 1985).

O tema recorrente nas histórias produzidas por Nelson girava em torno da infidelidade feminina, que nessa época pertencia à esfera da vergonha, considerada um verdadeiro tabu dentro das relações amorosas, no que concerne a honestidade sexual da imagem feminina. Seu destino era a vida de dona de casa, responsável pelo cuidado dos filhos, do marido e da unidade doméstica. Por isso a intensa receptividade da narrativa de Nelson perante os leitores da cidade, no ato de desvelar assuntos recorrentes a esfera do íntimo e da honra familiar. Como afirma Beatriz Polidori Zechlinski,

> Dessa forma a relação das histórias de "*A vida como ela é...*" com a realidade não se baseava no fato da traição ou não das mulheres, mas na possibilidade

> dessas traições, que povoava a imaginação das pessoas, suscitando a leitura da coluna do Jornal Última Hora (ZECHLINSKI, 2007, p.410).

O contexto social estava se alterando e reinventando as imagens ligadas ao feminino e ao masculino, estabelecidas nas práticas sociais. Estas não ficaram imunes ou mesmo estáveis num ambiente de intensa industrialização, modernização e individualização, causando uma efetiva redefinição de papéis, e trazendo consigo um quadro de tensões sociais, gestadas em torno das relações de gênero e normas de conduta, perpetuadas no seio do universo familiar.

A intensificação da participação das mulheres no espaço físico urbano da cidade, com maior penetração nos locais de trabalho e acesso a educação, lugares até então pouco explorados por elas, trouxeram consigo novas imagens da feminilidade na contramão dos valores existentes que a circundavam diante dos comportamentos esperados por elas, dentro do universo doméstico e sobre a tutela da autoridade masculina.

Por isso o campo das representações rodriguianas é um roteiro pertinente e possível na busca por perceber os conflitos das relações de gênero e amorosas no período dos anos da década de cinquenta e desvendar o imaginário social da sociedade carioca por meio das representações sobre a classe média urbana. As mais variadas temáticas tratadas diariamente por meio da coluna iam de encontro com a realidade social apresentada pelo cotidiano dos leitores.

A imagem feminina se faz elemento central dentro das tensões provocadas e tratadas por Nelson, diante das novas oportunidades advindas da modernização do espaço físico em transformação, estabelecendo contradições evidentes no que concernem as relações firmadas e naturalizadas entre o público e privado. A superação dos estigmas e obstáculos enraizados na instituição familiar diante da presença da mulher na esfera da vida pública urbana, até então destinada aos trabalhos domésticos, aos cuidados com os filhos e a integridade moral da família, foram expostos por meio de sua narrativa que refletia o realismo das situações retratadas (BARTHES, 1984), que não se cansa de explicitar aspectos vivenciados pelo autor em diversos lugares da cidade, no cenário das ruas, dos bares, dos escritórios e das repartições públicas, espaços de lazer...

A dicotomia entre o público e o privado, o lar e a rua, se tornam constantes nos confrontos que perpassavam as relações de gênero em meados do século

XX. A dissolução dos velhos princípios da família patriarcal brasileira no que se refere ao controle social sobre o corpo feminino e a autoridade masculina é projetada com relevância dentro da imersão psicológica encontrada nas histórias contadas por Nelson e no constructo de seus mais variados personagens, sempre na "relação tão visceral com a cidade, sua história, cacoetes e paixões" (DIAS, 2005, p.101).

A realidade social carioca das ruas foi o laboratório existencial da experiência de vida de Nelson. Sua infância, impressões, acontecimentos que permearam a sua família, na região da Aldeia Campista, são relatadas com intenso destaque na estética de suas narrativas, sua coluna era lida com entusiasmo pelo fato de expor os fatos corriqueiros da sociabilidade urbana, priorizando questões que se sucediam em torno das relações amorosas na região da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde o intercâmbio com o centro, local de trabalho, e a Zona sul, espaço de divertimento e encontros furtivos, estão em evidência nos contos de *A vida como ela é...*

O interesse maior de investigação deste estudo se encontra no campo das normas de conduta e da honra sexual, para isso, encontramos pesquisas relevantes como a de Sueann Caulfield, pesquisadora norte americana que veio ao Brasil interessada em aprofundar mais sobre crimes sexuais e valores que giravam em torno da honra sexual pelos mais amplos setores organizados da sociedade, e num plano maior, como esse conceito estava intimamente ligado a modernização da nação. Ela, por sua vez, concentra a sua obra entre a Primeira Guerra Mundial e o inicio do Estado Novo, onde "para muitas autoridades religiosas da época, assim como para as elites políticas e profissionais, a relação era simples: a honra sexual era à base da família, e esta, a base da nação" (CAULFIELD, 2000, p.26).

A força de moralização da instituição familiar preocupava e afetava todo o meio social, seu suposto desajuste se configuraria em situação de caos, e a consequente dissolução da família. Nesse sentido, o que se pode verificar na formação desse quadro era,

> [...] o que essas elites não percebiam, ou pelo menos não admitiam, era que a honra sexual representava um conjunto de normas que, estabelecidas aparentemente com base na natureza, sustentavam a manutenção da lógica das relações desiguais do poder nas esferas privada e pública (CAULFIELD, 2000, p. 26).

O conceito de honra sexual era tomado de diversos significados pela opinião pública, ganhando destaque durante o século XX, principalmente durante o governo de Getúlio Vargas, e seus esforços em zelar pela moral pública e pelos valores inerentes da família.

A família brasileira, que durante muito tempo vem sendo pensada como um ramo extenso, sob a estrutura do modelo patriarcal, delimitada pelo poder do masculino sobre os demais membros, como afirma Gilberto Freyre (1987) partir dos anos 50 passou a ser rigidamente contestada por inúmeros historiadores que

> [...] passaram a expandir suas pesquisas para além das pesquisas de elite, encontrando uma grande variedade de organizações familiares, incluindo, em muitas regiões, inúmeras famílias chefiadas por mulheres. Esses pesquisadores demonstraram que essa organização era muito mais diversificada e a sociedade muito mais dinâmica do que estabelecia o modelo de Freyre. Mesmo membros da elite levavam vidas que desviavam dos requisitos morais desse modelo (CAULFIELD, 2000, p.30).

Para o antropólogo Roberto Da Matta "a casa é o espaço privado da ordem, da hierarquia social natural baseada em sexo e idade; a rua, o espaço desprotegido do público da desordem, anonimato e perigos morais e físicos" (CAULFIELD, 2000, p.33). Essa oposição tem instigado os historiadores na investigação dos meandros conferidos a esfera pública e privada.

Focalizando nessa dualidade existente entre os planos do social rivalizados, Maria Izilda Matos, afirma sobre a relevância da categoria gênero ao perceber a historicidade entre o público/privado,

> Nesse sentido, a reconstrução das categorias público e privado a partir da perspectiva feminina pode ajudar a clarificar a questão. Os limites entre o público e privado foram mais explicitados com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para o sexo... A representação do lar e da família em termos naturais, e da esfera pública, ao contrário, como instância histórica, foi uma herança vitoriana da qual emerge o dualismo público/privado, reafirmando o privado como espaço da mulher, ao destacar a maternidade como necessidade, e o espaço privado como lócus da realização das potencialidades femininas (MATOS, 1997, p.99-100).

Com a disseminação da corrente historiográfica conhecida por *Nova História Cultural* tem-se, cada vez mais, se desenvolvido estudos acerca do imaginário, da sexualidade e das relações de gênero. Assuntos relativos ao desvendamento das práticas cotidianas, aos comportamentos sociais e valores de uma dada cultura passaram a ser tratados na ordem do dia, desviando o olhar de inúmeros historiadores para as diversificadas imagens que captam as estruturas simbólicas e seus processos, e mecanismos de divulgação localizados na tessitura do social. Compreendendo os componentes da cultura, esta, por sua vez, pensada "como um conjunto de significados, partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo" (PESAVENTO, 2005, p.15).

Percebendo a ordem dos acontecimentos numa perspectiva da longa duração ainda no século XIX, observa-se que,

> Embora os homens da elite frequentassem diversos espaços urbanos, as senhoras e as senhoritas geralmente não se expunham pelas ruas, mantendo-se em espaços privados protegidos, debruçadas sobre as janelas ou reunidas em cadeiras a porta da residência (CAULFIELD, 2000, p.111).

A figura da mulher no século XIX encontrava-se rigidamente atingida pelas medidas moralizantes. O instinto maternal e a inibição sexual inata faziam com que a mulher "normal" fosse submissa e casta, ao passo que a fragilidade psíquica a tornava suscetível a contaminação física e moral. Sua função maior era a vida doméstica, porque o "espaço público era domínio dos homens, mais agressivos por natureza. O instinto sexual mais desenvolvido e o fraco senso de pudor justificavam sua liberdade sexual. Para muitos, a abstinência sexual era até prejudicial à saúde do homem" (CAULFIELD, 2000, p.120).

Aos poucos esse quadro foi sendo superado de forma lenta e gradual ocasionados por fatores internos da própria cidade e externos, que refaziam os obstáculos historicamente construídos no que consiste ao aumento do numero de jovens de classe média e alta, que passaram a frequentar as áreas ainda antes inexploradas por elas.

A autonomia feminina se tornava um ameaça para a resistência de imposição masculina dentro do lar. Para a época da década de 1950, o adultério era associado à esfera da vergonha, um verdadeiro tabu social, tido como escândalo social, associado às mu-

lheres, enquanto para os homens era considerado um comportamento característico, normal e natural ao seu instinto, levando sempre a poligamia. Mary Del Priore, em seu livro *História do Amor no Brasil*, destaca que, "a infidelidade masculina era considerada um problema de foro íntimo, não manchando a reputação das esposas traídas, a infidelidade feminina significava escândalo social e estava associada ao crime" (DEL PRIORE, 2005, p.265).

O adultério foi tema central e possessivamente perseguido por Nelson Rodrigues em seus contos, com histórias trágicas, que como ele mesmo disse, saíam de casos que lhes contavam no ambiente inspirador dos subúrbios cariocas, ajudou a efetivar a sua fama de "tarado" e criou empecilhos para se tornar um dos maiores contistas de nossa língua. Em seu livro de memórias, salienta o intenso interesse dos leitores com a publicação da coluna diária, pois, "quando saí da *Última Hora,* e acabei A v*ida como ela é...* o telefone não parava. Homens e mulheres queriam saber se não ia sair mais e por quê. Dir-se-ia que o problema do brasileiro é em ser – ou não ser traído" (RODRIGUES, 1967, p.98).

Nelson mais do que nunca sabia encantar e provocar os leitores com histórias de mulheres adúlteras e transgressoras, um assunto que se tornava palpitante naquela época, segundo o que ele diz, "se as novas gerações me perguntassem o que era *A vida como ela é...* diria: era sempre a história de uma infiel" (RODRIGUES, 1967, p.98), por isso o sucesso, em torno da seção jornalística, pelo fato da preocupação com tal questão permear o imaginário popular, da coletividade estar atenta a tais questões que influenciavam e determinavam o universo familiar, e principalmente as imagens que a sociedade atribuía à moral das mulheres.

Mas o interessante está no sentido das histórias destinadas a evidenciar aquilo que estaria sendo abominado pelos habitantes da cidade. Aí se encontra o nível de ironia exposta na obra e usada como recurso de comunicação com o publico leitor. Os códigos de moralidade vigentes estariam sendo duramente atacados e criticados por suas personagens retiradas do próprio contexto analisado, gerando polêmicas e debates, sendo comumente taxado de "tarado", "pervertido", e acima de tudo inimigo da família brasileira e dos bons costumes que a regiam.

Nelson Rodrigues se sentiu atraído pela vida jornalística desde sua adolescência quando inaugurou o seu próprio jornal *A Alma Infantil*, um tabloide de quatro

páginas. Ele "queria ser como seu pai, um espadachim verbal" (CASTRO, 1992, p. 60). Foi em meio ao contexto da Rua Alegre, no qual vivenciou e se impregnou das mais diversificadas histórias passadas na vizinhança e dentro de sua própria família, que Nelson "espremeria até a última gota de suco em suas futuras peças, romances, contos e crônicas" (CASTRO, 1992, p.22).

No conto "A dama da lotação", um dos contos mais destacados da obra e que resultou em filme e telenovela, percebe-se o elemento conflitivo de sua narrativa, a suposta traição da mulher, que remete a uma fúria incontestável do marido. Carlinhos vai aos poucos desconfiando da fidelidade da esposa, Solange, que pegava a lotação, e sempre se encontrava com um homem diferente e o traía. Com a descoberta da infidelidade da esposa, Carlinhos se mete em uma cama e se dispõe a fingir de morto. Evidencia-se nesse conto uma crescente fragilidade da autoridade masculina perante o comportamento da esposa, o marido se sente desafiado sobre o domínio do lar e a perda da honra.

Em "Casal de três", o personagem Filadelfo se dirige até o sogro, o Dr. Magarão, e apresenta sua situação de indignação perante a sua vida conjugal. Casado com Jupira, comenta que sentia de fato uma melancolia tremenda (RODRIGUES, 1992, p.27). Essa constatação era refletida pela falta de capricho de sua esposa, "não se enfeitava, não perfumava, até cheirava mal" (RODRIGUES, 1992, p.28). Porém, após um mês, Filadelfo percebe alterações no comportamento da esposa, agora "a mulher pintada, perfumada, se atira aos seus braços" (RODRIGUES, 1992, p.28). A partir da nova personalidade apresentada por Jupira, aos poucos, começa a desconfiar e se preocupar perante o sogro, este, por sua vez, o adverte para prescindir de levar a sério a representação de sua mulher e tecer suspeitas sobre ela. Dias depois Filadelfo recebe uma carta anônima nos seguintes dizeres: "tua mulher e o Cunha", este descrito como "o seu maior amigo e jantava três vezes por semana ou, no mínimo, duas, com o casal. A carta anônima dava até o número do edifício e o andar do apartamento em Copacabana onde os amantes se encontravam" (RODRIGUES, 1992, p.29). A partir dessa constatação constrói um estado de ciúmes do seu amigo Cunha, diante das imagens de transformação da mulher, "certa vez jantavam os três, quando cai guardanapo de Filadelfo. Este abaixa-se para apanhar e vê, insofismavelmente, debaixo da mesa, os pés da mulher e do Cunha, numa fusão nupcial, uns por cima dos outros" (RODRIGUES, 1992, p.30).

Ambos os contos retratam os conflitos dentro do ambiente doméstico: a mulher que sente desejos por outros homens que não os seus maridos, e vai procurar outras relações fora de casa e comete o adultério.

O Código Civil, de 1916, expressa o pensamento acerca do adultério e suas implicações dentro da esfera das relações íntimas requerendo punição da mulher diante de uma prova ou mesmo suspeita do fato. Já no tocante aos homens, a natureza de suas relações extraconjugais ou mesmo "sua relação física com outras mulheres pouco significava perante a lei, mas a manutenção da concubina poderia significar a transgressão do seu papel de chefe de uma única família" (ZECHLINSKI, 2007, p.414).

A criação literária de Nelson coloca em cena valores tradicionais e modernos no que se refere às práticas afetivas experimentadas por homens e mulheres num cenário de transgressões e desníveis. O choque de tais representações de gênero eleva e traz a tona uma reconfiguração de relações pessoais desgastadas gerando o redimensionamento das mesmas por meio de situações situadas na esfera do banal e do cotidiano.

Pode-se dizer de um autor-ator e de sua visão existencial. Visão que marcou sua vida e se fez presente em suas obras, sustentadas pela presença marcante de sua própria subjetividade, o relevo de sua estética ficcional, a inversão de sua própria vida presente e a recuperação de reminiscências do passado que se articulam na cosmovisão de ser carioca e do próprio homem brasileiro. O "texto literário do jornalista, cronista e escritor Nelson Rodrigues é um precioso laboratório para se tentar apreender a origem de alguns traços da subjetividade deste autor" (MARIANI, 2009, p.95).

Se no século XIX experimentou-se um ambiente de intensa remodelação da esfera familiar por meio de processos de modernização e privatização num contexto de abandono de costumes coloniais superados pelo programa civilizador urbano direcionado para o renovo cidade, não deixou de lado as alterações por meio da esfera do íntimo e das propostas de reformulação urbana dentro de uma perspectiva europeia. Aos poucos o abismo social se rompia e as mulheres se inseriam na vida social muito mais condicionadas pelas novas circunstâncias históricas do que próprias do seu tradicional lugar de ocupação doméstica. Com a maciça presença da mão de obra nas fábricas de armamentos, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), recolocou suas expectativas

numa ótica do mundo do trabalho trazendo tensões no retorno ao lar e um constante agravamento de fissuras em relação aos sexos. A valorização do trabalho feminino foi decisiva no rompimento do espaço privado, pois foram "as primeiras décadas deste século, época de transição de valores, assistem à passagem da estrutura patriarcal para uma nova ordem econômica e social, onde as ideologias de cunho individualista marcam presença" (TRIGO, 1989, p.88).

A família passou por um processo de pulverização e adaptação das novas formas de sociabilidades. O modelo de família que herdamos do século XIX esfacelou-se, resultado do individualismo moderno e da recusa de uma estrutura extremamente rígida e normativa, onde era "a casa, protegida pelo muro espesso da vida privada que ninguém poderia violar - mas também secreta, fechada, exclusiva, normativa, palco de incessantes conflitos que tecem uma interminável intriga, fundamento da literatura romanesca do século" (PERROT, 1993, p.78). Como resultado "nesta perspectiva, o século XX veria se generalizar lentamente em toda a população uma forma de organização da vida com dois domínios opostos e claramente distintos: o público e o privado" (PROST, 2009, p.16). Então,

> Desta forma, o confronto entre o mundo da casa e o mundo da rua aparece constantemente nas histórias contadas por Nelson Rodrigues, em "A vida como ela é...". Ele apresenta o conflito das personagens que não conseguem perceber as fronteiras entre a casa e a rua. Pelo fato de o universo familiar, escondido nas paredes da casa, passar a ser mostrado, no espaço público – apesar de bastante lida e com longa duração (dez anos) –, "A vida como ela é..." rendeu a Nelson Rodrigues a fama popular de "tarado" (PARENTE, 2006, p.4).

Partindo do olhar cotidiano dos leitores da coluna, as histórias refletiam as cenas do imaginário social, a preocupação diante da temática do adultério e dos assuntos recorrentes a esfera do privado, da casa, sendo livremente recriadas no espaço da rua. Nelson nos legou uma "pintura", um olhar "etnográfico" e social sobre a cidade, num incessante diálogo com as normas que regiam a sexualidade de seus habitantes onde a:

> [...] modernização devastou as relações sociais, os valores e a própria natureza da experiência urbana carioca. Essa devastação é observada principalmente por meio do espaço publico, de historias que aconteceram nas ruas, no Maracanã, em bares e restaurante, em festas, nas redações dos jornais (FACINA, 2004, p.155).

As representações (CHARTIER, 1990) do feminino informadas por Nelson são das mais variadas imagens, algumas delas "sendo mulheres dóceis, amáveis e meigas, até mesmo as grosseiras, mal educadas, e nada amorosas" (ZECHILINSKI, 2007, p. 417-418), algumas tomadas por desejos, gerando consigo comportamentos desviantes, que quebravam a autoridade e o poder da dominação masculina. O ambiente da cidade propiciava encontros furtivos e a família nuclear, que se resumia ao marido, esposa e filhos, agora se restringe a marido, esposa e amante. Suas impressões da cidade e dos sujeitos nela envolvidos são tomadas pelo momento presente, mas também de histórias que contavam quando Nelson era criança no espaço dos subúrbios cariocas, local de sua constituição como indivíduo e de temas para as apropriações transpostas em suas obras.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: BARTHES, Roland. [et al]. *Literatura e realidade* (que é o realismo?). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984. p. 87-97.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra*: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: EdUNICAMP; CPHSC, 2000.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, Ângela Dias. Nelson Rodrigues e o Rio de Janeiro: memórias de um passional. *Alea:* estudos neolatinos, Rio de Janeiro, v.7, n. 1, p. 101-2, jan. jun., 2005.

FACINA, Adriana. *Santos e canalhas*: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FREIRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala:* formação da família brasileira sob o regime da família patriarcal. Rio de Janeiro. José Olympio, 1987.

MATTA, R. da. *A casa e a rua*: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MATOS, Maria Izilda S. de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. *Gênero em debate:* trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997. p. 83-114.

MARIANI, Luiza. Aproximações: Nelson Rodrigues, subjetividades e escrita literária. *Revista Contemporânea*, n. 12, p. 94-103, 2009.

PARENTE, T. C. Os conflitos da casa e da rua nas crônicas de "A vida como ela é...". Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, Brasília. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Brasília: UnB, p. 1-12, 2006. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/43811654/a-vida-como-ela-e>. Acesso em: 12 nov. 2012.

PERROT, M. O nó e o ninho. *Veja 25 anos*: reflexões para o futuro. São Paulo: Abril, 1993. p.75-81.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (org.) *História da vida privada, 5:* da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.13-153.

RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é*: o homem fiel e outros contos. seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Memórias de Nelson Rodrigues*: a menina sem estrela. Livro I. Rio de Janeiro, Edições Correio da Manha, 1967.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, Maria Angela. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p.88-94.

ZECHILINSKI, B. P. "*A vida como ela é...*"; imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues. *Cadernos Pagu*, v. 29, p. 399-428, jul-dez 2007.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2011
e aceito em 30 de novembro de 2011